

# VIVER NA ESPANHA

*Malu Lindemann*

Alguma vez, você já atribuiu uma grande mudança interna ao fato de se mudar de país?

Pois comigo, aconteceu algo assim. Vinha vivendo entre África, França e Portugal, quando nos mudamos para Espanha. Não é preciso dizer que a própria adaptação já é uma mudança na vida de alguém, mas me refiro àquela devida às transformações existenciais profundas.

Chegamos em Madrid em agosto de 2011. O calor inacreditável superou minhas experiências cariocas e africanas. Os rapazes da mudança subiam e desciam móveis pelas escadas e diziam com os rostos suados: - “Vocês vão ver, Madrid tem duas estações, inverno e inferno”. Abri um olho desse tamanho. Nada simpático de ouvir isso quando se é recém-chegado. Embora a sensação térmica fosse insuportável, o grau de motivação era muito positivo e rapidamente a casa ficou pronta com os devidos buracos na parede segurando os quadros (*home made*) com as histórias da caminhada familiar.

Ao sair pelas ruas para encontrar um restaurante, captamos os primeiros aromas da vida madrilenha. Curioso era a quantidade de bancos nas calçadas. Logo percebemos que as pessoas não ficavam em suas casas, devido ao calor, se reuniam sentando nos bancos, entre amigos, passeando seus idosos e investindo no encontro dos animais domésticos. As sombras das árvores tinham lotação esgotada e isso chamou bastante minha atenção. Aquele cheiro de vida e convívio me encantaram de primeira vista! Nesse dia mesmo, olhando o termômetro que marcava *oito por cento de umidade relativa do ar*, alguém comentou “a mesma umidade do deserto do Saara”. Tudo certo, a África e eu já éramos colegas!

Como de hábito, me apresentei aos meus novos vizinhos. Sempre valorizei muito, desde minhas primeiras viagens, a questão da vizinhança. Ao meu ver, é nossa principal equipe de apoio, peça chave no enredo da vida cotidiana. Afinal, em qualquer hora do dia ou da noite, basta um par de minutos para estarmos um na casa do outro. Nada mais tranquilizador e assistencial. Contei que meus filhos tinham um grupo musical e que os encontros poderiam ser animados. Enfim, fiz uma introdução diplomática com a intenção de dizer que “haveria barulho”. Além disso, íamos viver em casas geminadas e não queria que as pessoas fossem pegadas de surpresa. Para minha surpresa, um casal de vizinhos mais idosos me respondeu “no te preocupes, la música nos gusta mucho y además animará la residencia!” Essa foi a primeira vez que senti algo curioso nessa expressão corriqueira em Madrid, “no te preocupes”. Me perguntava se as pessoas eram assim tão flexíveis.

Percebemos, todos, uma grande diferença na atmosfera da cidade quando comparamos à nossa moradia precedente, Bordeaux, França. Em primeiro, e mais impressionante, era o intenso e frequente azul do céu. Uma luminosidade radiante nos convida a olhar para cima, perseverar. A seguir, vimos que a vida começava mais tarde, os colégios, faculdades, comércios, as *movidas* noturnas. Jantar às 2h

da manhã é totalmente possível! Tudo isso crescido da maneira expressiva e comunicativa dos madrilenos, cheios de uma alegria de viver. Costuma-se dizer “si estás en Madrid, eres madrileño”.

Para me referir a alguns dados estatísticos sobre a Espanha, há dois deles que me impressionaram e acabo por comentar. O primeiro é que esse país toma o segundo lugar da Europa na consumação de cocaína e quarto em cannabis, dentro da Europa. De fato, alertaram-nos que é frequente a consumação de drogas nas escolas privadas de Madrid. A seguir, o fato que me deixou bastante surpresa é que os espanhóis são o povo com maior possibilidade de receber um transplante. A boa organização do sistema de saúde permite beneficiar rapidamente os pacientes necessitados da doação de um órgão. Bom, é somente uma curiosidade!

Meu contato com a nova rotina de vida foi se aprofundando por variadas frentes, vizinhos franco-espanhóis, proprietário andaluz, galerista basca, colega das Astúrias, os vizinhos catalães, outro da República Dominicana, do Chile ou uma faxineira do Equador. Os imigrantes formam grande parte da população local e apesar dos diversos problemas de desemprego, imigrações indesejadas, corrupções políticas, as pessoas são espontaneamente acolhedoras, falando alto e contando todos detalhes das suas vidas. Talvez, por essas razões, o brasileiro, de maneira geral, se adapte muito bem, é como ter a alegria e hospitalidade do povo brasileiro, mas no velho continente.

Depois de toda família adaptada às suas novas atividades, fui em busca do meu grupo: os artistas, as galerias de arte, os museus, os professores de arte, as escolas de performance. Ao conviver com eles, passei a ousar mais, a dizer alto e claro o que pensava e como percebia as coisas. Possivelmente, quis mudar coisas em mim, ser mais autêntica, mais coerente, ser menos repreensiva, enfim, havia no ar um desejo de mudança.

Fui repassando a autoexperiência multicultural e constatei que há países que parecem *calar nossa boca*. São pesados e carregados de normas. Para adaptar-nos, devemos nos impregnar delas e deixar de *stand by* não só nosso idioma como certos hábitos. A França é um exemplo deles, ainda que não tão radical. O francês gosta e necessita das regras de *politesse*, entre outras, do contrário, provavelmente, se estranhariam muito. Em Madrid, já faz quase 5 anos agora, sinto maior liberdade, as pessoas têm um espaço pessoal bastante maleável, se tocam e deixam-se ser tocadas com bastante espontaneidade. Uma vez, um colega que foi viver no Porto, Portugal, me disse, olhando para seu relógio: -“Em Madrid você faz um amigo em alguns minutos, aqui você pode levar uns meses”. É notável a atmosfera de cada lugar, é preciso escutá-la e entender como funciona, a seguir, sim, podemos misturar com as nossas próprias tintas. Do contrário, deixamos de aproveitar as diferentes culturas.

Há holopensenes que podem ser extremamente contagiantes tanto para positivo como negativo. Isso fica muito claro quando o tema é futebol. Não se pode viver em Madrid sem se ouvir falar das chispas ofuscantes do Real Madrid e seus adversários. Não ligo para futebol, mas o fenômeno humano de ser um “torcedor do *barçá* ou do real madrid” é uma experiência ao menos impressionante. Contagiantes também são as noitadas quentes, quando saímos depois do trabalho ou nos fins de semana, para encontrar os amigos e tomar uma bebida refrescante com uns *pulpos a la plancha*. São pontos de encontro para todo fim, os bares e terraços são parte integrante da vida madrilena. Ou ainda, se

deixar perder nas ruas de Lavapies ou no Parque del Buen Retiro com seu jardim histórico, e ouvir ser contada a história da Espanha com as heranças da invasão árabe e os reis católicos.

Pois bem, foi nesse cenário de mudança e novidades que comecei a me perguntar “E eu, para onde quero ir? O que estou fazendo exatamente?” Embora minha atividade como artista plástica me desse muito prazer e a fizesse com grande motivação, uma certa melancolia sempre fez parte dela. Conheci uma professora numa galeria de arte (Montsequi). Acabamos por trabalhar juntas. Nessa altura, eu vinha pesquisando novas técnicas de exposição artística (mais interativas), utilizadas ao terminar a escola de Belas Artes em Bordeaux e preparava uma exposição. Iniciei, então, para esse fim, um trabalho de recuperação de cartazes públicos de rua. Assim como fez Jacques Villeglé nas ruas de Paris, motivado entre outras, pela falta de papel depois da Segunda Guerra Mundial. Acredito que essa atividade de apropriação e transformação de cartazes de rua, inconscientemente, me trouxe uma necessidade de estar com os outros, com o povo das ruas. Identifiquei uma chamada à vida social e sua realidade. Aos poucos, esse sentimento foi se tornando um grande incômodo, uma enorme tristeza, uma sensação de que estava fora do meu papel, de que poderia fazer mais. Um certo desespero foi tomando conta de mim.

Com o tempo, vi que chegava num impasse; ou precisava de mais força para manter minha maneira de ser ou tudo aquilo era um indício da necessidade de romper a bolha, uma desopressão. Além de tal desconforto, as incertezas de como agir, que se soma às vertiginosas mudanças tecno-científicas e de valores, me colocavam estranhamente face a face mim mesma.

Claro que amadurecemos segundo nossas experiências e tais transformações podem ocorrer a qualquer momento e em qualquer lugar. Não obstante, o vigor desse idioma, a espontaneidade das pessoas, a História da Europa permanentemente na minha vida alavancaram meu momento perceptivo. Como se diz em espanhol, um *percatarse*, um “se dar conta” da própria realidade. Provavelmente alguma intervenção extrafísica conseguiu tocar-me profundamente.

Relacionando meu estado também a um compromisso com parapsiquismo desde mais jovem, resolvi procurar um centro espírita em Madri. Encontrei León Denis e marquei uma visita. Não correspondia exatamente ao que buscava, pois já havia estado em outros centros espíritas no Brasil. Porém não sabia que outra “coisa” procurar. Nesse meio, impulsionada pela vontade de encontrar algum ponto de partida, descobri pela internet a palavra *pensene* e *consciencioterapia* e os nomes Nário Takimoto e Cristina Arakaki. Dizia a mim mesma que essa consciencioterapia era exatamente do que eu precisava. Não fui ao centro espírita. Queria saber mais sobre aquelas palavras. Comecei a assistir uns vídeos onde um senhor de barba branca falava. Meu filho, de 14 anos na época, me criticava dizendo “você agora só fica aí vendo esse mago Merlin”. Só sei que tudo começou a mudar. Teria sido por essa energia de doação criada pelo trabalho desse senhor barbudo que era médico, pesquisador e lexicógrafo, professor Waldo Vieira?

Voltando às transformações na minha profissão, movida pela ideia de ir em direção ao povo (tal qual como ouvia minha cabeça dizer) anulei os preparativos da minha exposição, guardei os pincéis, telas e tal. Fiz uma lista de tudo que sabia fazer, os idiomas que falava, os lugares onde vivi, tudo que

já havia conquistado. Cheguei à conclusão, como operação de resgate de mim mesma, que deveria utilizar a arte como um meio, não como fim. Matutei por uns dias e decidi fazer psicologia, quem sabe arteterapia. Era preciso impregnar meu holopensene com outra metodologia, com o conhecimento científico, do contrário a mudança seria oca.

Decidi entrar num concurso para a Universidade Autônoma de Madri, uma universidade pública espanhola. Evidentemente, o projeto de fazer uma graduação só poderia ser viável se eu integrasse um sistema de ensino público, já que as finanças eram para as universidades dos dois filhos adolescentes. Assim foi. Hoje, depois de grande esforço de reciclagens, com ajuda dos estudos contínuos, das ideias das Conscienciologia refletidas junto às Tertúlias Conscienciológicas online, sei exatamente o que estou fazendo e para onde quero ir. Já no final do 2º ano de Psicologia tenho a oportunidade de conhecer a juventude universitária espanhola nesse início de 2018, assim como fazer efetivamente parte do I Encontro de Intermissivas na Europa, que ocorrerá em novembro deste mesmo ano, em Strasbourg, França.

Para concluir, tendo a pensar que o holopensene dessa cidade e o momento de maturidade pessoal criaram um belo sinergismo ampliando minha lucidez. O bem-estar que a vida neste lugar me promoveu foi decisivo para que pudesse me permitir experimentar coisas novas sem os velhos conceitos anacrônicos. O mais interessante é se dar conta disso tudo num país como a Espanha, cuja herança religiosa é tão pesada. Mas bom, essa é outra história!

Preciso dizer que não faz muito tempo, ter uma religião para mim era algo certo, necessário. Ainda que estivesse sempre em busca de qual delas seria melhor adaptada aos meus valores e experiências. Hoje vejo que estava enganada. Não podia imaginar que fosse possível falar de mediunidade, de espiritualidade, vidas passadas, sem estar associado a alguma religião. E é essa toda a força dessa neociência Conscienciologia. A espiritualidade se refere a uma capacidade intrínseca ao ser e descortina habilidades que por muitos séculos deixamos na mão das religiões. Como dizia Pierre Teilhard de Chardin, “não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual. Somos seres espirituais passando por uma experiência humana.”

Malu Lindemann, Maria Lucia Simone Lindemann (1967). Criação de empresa familiar autodidata para editoração de livros e manuais. Estudo de Engenharia Química pela UFRJ (incompleta). Graduada em Francês pela Université Michel Montaigne III. Formação artística pela “École de Beaux Arts de Bordeaux”, França. Graduanda em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid (2018). Brasileira, natural de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, MG; voluntária da Conscienciologia desde janeiro de 2014, tenepessista desde 4 de julho de 2018.